

Três poemas de Schelling-Bonaventura

Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling

ORIGINAL Schelling, Friedrich W. J. von. “Tier und Pflanze”; “Lied”; “Los der Erde”. In: Schlegel, A. W.; Tieck, L. (orgs.). *Musen-Almanach für das Jahr 1802*. Tübingen: Cotta’schen Buchhandlung, p. 158-159; p. 241-243; p. 273.

TRADUÇÃO Pedro Nagem de Souza | Universidade de São Paulo – USP

Apresentação

Os poemas aqui traduzidos foram publicados no *Musen-almanach*, almanaque organizado por A.W. Schlegel e L. Tieck em 1802. Inicialmente pensado como uma espécie de memorial poético para Auguste Böhmer, que faleceu em julho de 1800, o almanaque acabou por se tornar um memorial duplo após a morte de Novalis em março de 1801. Levando-se em conta o significado que essas duas mortes tiveram para o chamado Círculo de Jena, a publicação tem, retrospectivamente, o valor de um trabalho de luto pelos anos iniciais do movimento romântico. Não obstante, a referência ao *Musen-almanach* de Schiller, a essa altura descontinuado, aponta ainda para a inserção dessa antologia poética no processo mais amplo e mais complexo de formação do ideário romântico em contraposição e convergência com o horizonte clássico.

Publicando sob o pseudônimo Bonaventura, Schelling estava em meio ao momento mais turbulento de sua vida. A morte de Auguste o havia afetado enormemente, tanto em razão da afeição que sentia pela jovem quanto pela culpa que sentia por sua morte. Essa culpa era dupla, pois além da tentativa frustrada do filósofo de administrar um tratamento para a doença da menina, havia o sentimento de punição divina pela imoralidade de suas relações com Caroline Schlegel, mãe de Auguste e esposa de A.W. Schlegel. Ambas as recriminações eram reforçadas pela sociedade letrada que os cercava, desde os rumores espalhados por Dorothea Veit até a resenha anônima publicada no *Allgemeine Literatur-Zeitung*, acusando Schelling pelo assassinato da garota — resenha contra a qual, por sinal, A.W. Schlegel escreveu uma réplica defendendo o filósofo.

Entre os três poemas (de um total de quatro impressos no almanaque), aquele que possui o vínculo mais direto com a situação imediata de Auguste é a *Canção*, o mais lírico, onde morte e amor se entrelaçam profundamente, enlaçando a dor, o desejo e a nostalgia (*Sehnsucht*). Mas o tema do amor atravessa os três, e é possível perceber a tentativa de abordá-lo a partir de um ponto de vista ao mesmo tempo mitológico, metafísico e natural.

Essa sobreposição poética de registros linguísticos chama a atenção por remeter à conceituação, por parte de Schelling, do simbólico como “exposição do Absoluto, com absoluta indiferença do universal e do particular no particular”¹. Se considerarmos que uma tal exposição na arte é o “reflexo objetivo mais perfeito” da filosofia, fica claro como a tentativa presente nestes poemas responde a uma necessidade interna ao pensamento do filósofo. Expressar seu pensamento poeticamente não é, para ele, mera ilustração fabular ou fabulosa, mas um momento exigido pelo seu sistema em gestação.

Um exemplo dessa continuidade entre os poemas de Schelling e o seu pensamento mais propriamente teórico é o §155 da *Exposição do meu sistema...* (1810), que praticamente transpõe para uma linguagem esquemático-especulativa o que no poema *Animal e Planta* é tratado simbolicamente². Esses poemas testemunham, assim, o comprometimento do autor com sua tese da complementaridade entre a arte e a filosofia.

Também é notável o tema da unidade entre o humano e a natureza, principalmente em *Animal e Planta* e no *Fado da Terra*, em que a atividade humana aparece como expressão singular de um princípio natural universal. A repetição do termo Terra (*Erde*), questionável em termos estéticos mais estritos, reforça a inserção destes poemas no horizonte da obra do filósofo. Para permanecer na escrita versificada de Schelling, basta lembrar dos versos da *Profissão de Fé de Heinz Widerporst*, onde o homem é exposto como o “... anão, figura/ de belo aspecto” no qual, ao tomar noção de si, “vai encontrar-se o espírito gigante”³ da natureza, até então petrificado. Ou,

¹ Schelling, F. *Filosofia da Arte*, trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Edusp, 2010, p. 69.

² “§ 155. O sexo, que liga a planta ao Sol, prende inversamente o animal à Terra. — Pois a planta, a qual (§ 95, esc. 6) está originariamente em concrecência com a Terra, é, da perspectiva da Terra, ligada à identidade absoluta, e assim ao Sol (§149, lema 4), apenas pelo sexo. No animal, por outro lado, o qual está ligado independentemente do sexo (*Idem*) à identidade absoluta, e assim ao Sol, o sexo será antes um meio de coesão com a Terra.” In: Schelling, F. *Exposição do meu sistema da filosofia*; trad. Luis Felipe Garcia. São Paulo: Editora Clandestina, 2020. p. 243ss.

³ “Nem sei, quem diz que o mundo me apavora/ [...] Espírito gigante ali se encerra, é fato,/ Mas, c’os sentidos seus, petrificado [...] / Pela primeira vez toma noção de si; / Enclausurado em um anão, figura/ De belo aspecto, ereto na estatura,/ Chamado, na linguagem, ser humano,/ Vai encontrar-se o espírito gigante” (*Apud* Torres Filho, 2004, p. 178).

transposto em linguagem conceitual em nota pelo tradutor: “O homem é a autorreflexão do Espírito, alcançada por este após sua progressão através do mundo natural”.

Ainda duas observações quanto às traduções aqui presentes. O termo “Geschlecht” foi traduzido como “sexo” e não “gênero”, porque o próprio poema parece explorar o duplo sentido da palavra, significando tanto a oposição masculino/feminino quanto o próprio ato sexual. Em segundo lugar, mantive a regularidade métrica estrita apenas na *Canção*, tendo em vista a marcação rítmica mais forte no original, mas o fiz em redondilhas maiores, que pareceram mais adequadas ao português.

Bibliografia

- Paulin, R. (2016). *The Life of August Wilhelm Schlegel, Cosmopolitan of Art and Poetry*. Cambridge: Open Book Publishers.
- Richards, R. J. (2004). *Did Friedrich Schelling Kill Auguste Böhmer and Does It Matter? The Necessity of Biography in the History of Philosophy*. In: *Writing Biography. Historians and Their Craft*. Nebraska: University of Nebraska Press.
- Schelling, F. (2010). *Filosofia da Arte*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Edusp.
- _____. (2020). *Exposição do meu sistema da filosofia*. Trad. Luis Felipe Garcia. São Paulo: Editora Clandestina.
- _____. (2004) *Profissão de fé epicurista de Heinz Widerpost*. Trad. R. R. Torres Filho. In: Torres Filho, R. R. *Ensaio de filosofia ilustrada*. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras.
- Schlegel, A. W.; Tiek, L. (orgs.) (1802). *Musen-Almanach für das Jahr 1802*. Tübingen: Cotta'schen Buchhandlung. Digitalizado por Boston Public Library/Internet Archive.
- Torres Filho, R. R. (2004). “O simbólico em Schelling”. In: *Ensaio de filosofia ilustrada*. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras.

Animal e planta

Tão breve a estação da primavera, ó Céu e Terra,

Vosso tempo de núpcias; breve é o toque da luz.

Planta, ó broto da Terra, por que tanto aspiras com teu

Caule e botão subir? Planta, estás ciente disso.

Apenas o sexo te liga ao Sol e ao reino da luz;

Outro é o agir do animal, outro é o agir dos humanos,

Os quais, nascidos do Sol, apenas pelo sexo em Terra

Radicam, enfeitiçando o Céu p'ra baixo da Terra.

Por toda a Natureza, só o homem pode engendrar.

Tu, ó sexo carinhoso, tens o ofício das plantas,

Plasmando a prole do Sol em esporos desde dentro,

Os quais, com amor, enfia o Homem em magna Terra.

Feição botânica tem a Mulher, chamo-lhe Planta

Entre os animais, o Homem, de animais o animal.

Terno é o amor da Mulher, necessário, manso, mais curto;

Bestial, livre e mais duradouro, o amor do Homem.

Canção

Em meu coração, bem fundo,

Ó luminoso pingente,

Cintila a cada segundo

Teu belo nome somente.

Alegra-me quando joga

E graceja, a tua imagem,

Que, doce e suave, toca

O meu coração selvagem.

Da montanha, eu mesmo via
A forma jovem passando,
Como nuvem fugidia,
Tua imagem flutuando;
Me conduz pela campina
Até o fundo dos vales,
Mas se o gozo se aproxima,
Dissolve-se pelos ares.

Eu não te quero agarrar,
Então não fujas de mim.
A imagem não sei largar,
E ela não larga de mim.
Só contigo é bom viver,
Me arrasta por tua via.
Por fim, vão se equivaler:
Dor, desejo e nostalgia.

Desfaz dos dias o breu
Na esperança redimida,
E grava meu nome e o teu
No grande livro da vida.
Por ti, eu quero florir,
Viver livre e jovial.
A ti, eu quero servir,
E ao teu coração leal.

Fado da Terra

Serão Guerra e Amor tão inseparáveis em Terra?
Não há sorte quieta, nem quietude sortuda?
Não! Pois eis que na Terra e no Céu o mesmo ânimo
Transpõe o destino bravio entre Vênus e Marte.
Operas como a Terra, ó Terrenato, movendo-te
Ininterruptamente entre o Amor e a Guerra.

Poemas em alemão

Tier und Pflanze

Kurz nur ist das Verweilen des Frühlings, Himmel und Erde,
Eurer Vermählung Zeit; kurz die Berührung des Lichts.
Pflanze, du Erdentsprossne, warum so strebst du mit deinen
Faden und Blüten empor? Pflanze, dir ist es bewusst.

Dich verknüpft der Sonn' und dem Reiche des Lichts das Geschlecht nur;
Anders verhält sich das Tier, anders verhält sich der Mensch,
Welcher, sonnengeboren, nur durch das Geschlecht in der Erde
Wurzelnd, den Himmel dadurch zaubert zur Erde herab.

Durch die ganze Natur wohnt zeugende Kraft nur im Manne.
Dir, du zärtlich Geschlecht, gab sie das Pflanzengeschäft,
Auszubilden durch Sprossen den Sonnenschössling von innen,
Welchen mit Liebe der Mann impft auf den herrlichen Grund.

Pflanzennatur auch gab sie dem Weib: ich nenn es die Pflanze
Unter den Tieren, den Mann unter den Tieren das Tier.
Zarter ist Liebe des Weibs, notwendiger, stiller, auch kürzer;
Tierischer, freier, allein daurender liebt auch der Mann.

Lied

In meines Herzens Grunde,
Du heller Edelstein,
Funkelt all Zeit und Stunde
Nur deines Namens Schein.
Erfreuest mich im Bilde
Mit Spiel und leichtem Scherz,
Rührend so süß als milde
Mir an das wilde Herz.

Über Berge seh ich ziehen
Dein jugendlich Gestalt,
Doch, wie die Wolken fliehen,
Das Bild vorüberwallt;
Es Führt mich fort durch Wiesen
Weit ab in Tales Grund,
Doch wenn ich's will genießen,
Zerfließet es zur Stund.

Ich will dich nicht umfassen,
Nur fliehe nicht von mir.
Das Bild kann ich nicht lassen,
Noch lässt es auch von mir.
Bei dir nur ist gut wohnen,
Dum ziehe mich zu dir.
Endlich muss sich doch lohnen
Schmerz, Sehnsucht und Begier.

Bringt jeder Tagesschimmer
Doch neuer Hoffnung Schein,
Und schreibt uns beid' noch immer
Ins Buch des Lebens ein.
Dum lass mich vor dir grünen,
Und leben froh und frei.
Gerne will ich dir dienen,
Dass treu dein Herze sei.

Los der Erde

Ist den Krieg von Liebe so unzertrennlich auf Erden?
Gibt's kein ruhiges Glück, nimmer auch glückliche Ruh?
Nein! Denn siehe die Erde, die gleichen Mutes am Himmel
Zwischen Venus und Mars wandelt die stürmische Bahn.
Schaffend der Erde gleich, du Erdegeborner, bewege
Unverdrossen dich denn zwischen der Lieb und dem Krieg.